

## 1. INTRODUÇÃO

O mês de agosto começou emocionante nas questões políticas: os EUA anunciaram uma sobretaxa a produtos chineses e a moeda chinesa se desvalorizou, o que estava acordado que não aconteceria.

Quando tudo parecia que estava rumo a uma solução, as negociações andaram muito para trás e recentemente, os EUA declararam que não estão prontos para um acordo no momento e mesmo a reunião marcada para setembro pode não ocorrer.

Os dados prévios sobre a inflação mostram que o Brasil apresentará deflação em agosto, com o preço ao produtor e os preços agropecuários ajudando nessa queda, ligando um sinal de alerta.

A safra 2018/19 deve ser recorde, segundo levantamento da Conab, que traz um crescimento de 6% na safra. O milho segunda safra virá com uma grande produção, mas o acordo de comércio com os EUA, que colocará etanol sem impostos aqui, deve ser observado.

Além da problemática dos déficits na Itália, há um problema externo: agricultores europeus estão atacando políticos pelo acordo com o Mercosul, como ocorrido na França.

Na Argentina, o atual presidente foi derrotado nas eleições primárias do país, tendo o opositor kirchnerista conquistado quase 50% dos votos, fato que pode prejudicar a questão do maior fluxo de comércio entre os países da região.

## 2. PANORAMA INTERNACIONAL

Os Estados Unidos sofrem com a inversão da curva de juros, que mostra que os juros de curto prazo estão muito próximos dos juros de longo prazo, o que não faz sentido na economia, sendo, portanto, uma anomalia.

Sabedor da situação, o Presidente Donald Trump comentou sobre esse evento, pedindo corte nos juros. Essa inversão prejudica o cenário de acordo entre China e EUA.

O Consumer Price Index (CPI), o índice de inflação norte-americano cresceu 0,3%, com aumento em gasolina e habitação, elevando os juros de longo prazo. No entanto, os juros devem cair novamente.

A taxa de desemprego se manteve estável nos EUA em julho, com a criação de 164 mil vagas. Os salários estão crescendo abaixo do que visto no ano anterior, pois ainda há incertezas geradas pela tensão comercial.

O dólar se desvalorizou perante algumas moedas do mundo, na busca por uma moeda que não esteja no meio da guerra comercial, como o iene japonês. Isso aumenta a competitividade dos produtos agrícolas americanos em relação aos brasileiros.

O PIB britânico está em queda pelo segundo trimestre seguido, passando por um processo de fechamento de fábricas e incertezas geradas pela possibilidade do Brexit não ser negociado, o que o líder da oposição disse que não irá acontecer de forma alguma.

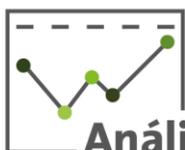
A Itália segue em uma situação complicada, com a tentativa de novas eleições frustradas com a saída do principal partido da base aliada. Essa instabilidade se reflete na economia, que anda mal das pernas e prejudica o exportador brasileiro de café e celulose.

A China prepara um plano de investimento voltado para evitar que ocorra uma fuga de empresas, investindo fortemente em infraestrutura industrial, buscando gerar assim incentivos que superem as perdas por sanções dos EUA.

A moeda local, o yuan, foi desvalorizada, tendo o valor mínimo em 11 anos. Todavia o governo chinês diz que está tentando manter a moeda estável, como fora acordado com os EUA. Essa desvalorização deixa os produtos brasileiros mais caros na China, o que deve reduzir nossas exportações.

Outro país que apresentou um pacote de estímulo econômico foi a Índia: apesar de estar sendo acusada de tomar essa atitude tarde demais, já que o país sofreu uma queda no mercado acionário e na demanda, essas medidas buscam equilibrar a capitalização dos bancos.

A economia tailandesa, por se tratar de uma economia largamente exportadora, sofre bastante com a guerra comercial, tendo seu PIB estimado para baixo novamente. Com a valorização da moeda, o arroz encarece no mercado global.



# Macroeconomia

AGOSTO DE 2019

O Chile anunciou de US\$571 milhões em estímulos para a economia, que vem crescendo abaixo da expectativa. Caso tenha êxito, as exportações brasileiras de petróleo, automóveis e carne bovina podem aumentar, pois o Chile é o segundo maior parceiro comercial brasileiro na América do Sul.

O governo argentino, após perder as primárias para a eleição, anunciou várias medidas populistas, buscando maior apoio dos eleitores, o que não foi bem visto pelos investidores, pois seria praticamente aceitar um default em nome da eleição. Anunciou, assim, cortes de impostos e aumentos de gastos, uma combinação que não termina bem.

Os preços do petróleo se mantiveram estáveis em agosto, começando o mês em US\$ 56,87 e terminando em US\$ 56,63 o barril. Houve uma forte queda no início do mês, causada pela expectativa de queda na demanda por uma espera de recessão, no entanto, ocorreu uma rápida recuperação e tendência de alta, face ao relatório da American Petroleum Institute, que mostrou uma queda expressiva no volume de petróleo estocado nos EUA.

Os preços agrícolas caíram levemente em julho, com o índice da FAO de alimentos reduzido em 1,04%, puxado para cima pelos preços de carne e puxado para baixo por grãos e laticínios.

### 3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 26 de agosto, o crescimento do PIB em 2019 teve sua expectativa reduzida para 0,8%, novamente sendo revisada para baixo, pois o país segue ainda em discussões políticas e não se sabe como passarão as reformas pelas duas casas do congresso; a reforma tributária, ainda em discussão, é uma incógnita, pois o ministro quer uma coisa e o presidente da Câmara, outra.

Ainda segundo o mesmo relatório, a inflação de 2019 está estimada em 3,65%, ou seja, abaixo da meta de 4,25%. Com essa nova queda, é possível que os juros sejam baixados ainda mais, na tentativa de recuperar um pouco da atividade econômica ao custo de um pouco de inflação.

O dólar iniciou agosto cotado a R\$ 3,81, mas houve desvalorização do real perante a moeda americana, fechando o mês em R\$ 4,16, devido ao problema entre chineses e americanos, que causou uma fuga muito grande de capitais, que migraram para investimentos mais seguros.

O desemprego no Brasil caiu 0,7%, passando para 12% no segundo trimestre, atingindo 12,8 milhões de brasileiros. O setor agropecuário, segundo dados do Caged, criou mais de 10% dos empregos em julho, e, no ano, quase 20% do total de empregos gerados.

As commodities tiveram queda tanto no Brasil quanto fora dele: o IC-Br, caiu 0,75% em julho em relação a junho, com agropecuária – que apresenta queda acumulada no ano de 6,83% - e metais puxando a queda; já o índice internacional caiu 0,33% no mesmo período.

As exportações do agronegócio brasileiro em junho foram de US\$9,16 bilhões, dos quais quase US\$3 bilhões foram para a China. Esse valor total significa um aumento de 12,68% em relação ao valor exportado pelo agronegócio em junho. No total, foram US\$ 56,6 bi no ano, na média dos últimos anos.

Em julho, o agronegócio registrou superávit de US\$ 8 bilhões, redução de 2,8% em relação ao mesmo mês do ano anterior. Esse superávit trouxe um resultado positivo na balança comercial total do Brasil, visto que para os demais produtos, houve déficit de US\$ 5,7 bilhões em julho de 2019, o que ajudará no fortalecimento do câmbio.

O ministro Paulo Guedes anunciou o início das conversas sobre um acordo comercial entre Brasil e EUA. O agronegócio brasileiro exportou US\$ 6,7 bilhões para os EUA em produtos agrícolas no ano passado, enquanto importou US\$ 2 bilhões dos EUA no mesmo período. Com um acordo, o agronegócio deve ser o maior beneficiado.

Um setor que pode ser prejudicado é o de etanol de milho, que deve receber bastante óleo de milho americano, que tinha como principal comprador a China e agora, podendo colocar o excesso dessa produção no Brasil.

A reforma da previdência pode trazer um efeito positivo sobre o agronegócio: a tributação das exportações agrícolas não foi colocada no texto. Já a simplificação tributária gera uma preocupação, vez que a concentração dos tributos em um Imposto sobre Valor Agregado pode acumular sobre o exportador.